



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10954 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 17/GT 14 - Filosofia e Sociologia da Educação

NÍSIA FLORESTA: PENSAMENTO PEDAGÓGICO-FILOSÓFICO-FEMINISTA

Rita de Cassia Fraga Machado - UEA-PPGED- Universidade do Estado do Amazonas

NÍSIA FLORESTA: PENSAMENTO PEDAGÓGICO-FILOSÓFICO E FEMINISTA

Introdução

Educadora, escritora, poeta, brasileira e nordestina, Dionísia Gonçalves Pinto manifestou-se firmemente pelo direito das mulheres à educação e à escola. Assim, é considerada por historiadores a pioneira da educação e do feminismo no Brasil. Nísia nasceu em 12 de outubro de 1810, na cidade de Papari, ^[2] situada na região leste do Rio Grande do Norte. ^[1]

Para ela, a mulher deveria ter acesso a uma educação igual à dos homens, direito ao trabalho e ao respeito. Além disso, Nísia Floresta, como ficou conhecida, também defendia que as mulheres pudessem ser consideradas sujeitos com a mesma capacidade cognitiva dos homens. Para a sociedade da época, o homem era um ser “completo”, portanto, superior à mulher, vista como um ser com baixo desenvolvimento cognitivo.

Ela foi a primeira filha de Dionísio Gonçalves Pinto Lisboa, advogado e escultor, e de Antonia Clara Freire, de quem pouco se sabe, além da ocupação como “dona de casa”, como muitas mulheres de sua época. Sua vida se resumia a ser mãe e esposa, dentro da reprodução social da mulher na sociedade patriarcal. Assim, em tempos em que a tradição da família e do sagrado laço do matrimônio imperavam, se separou do marido e voltou a morar com os pais.

Verdadeira machona entre as sinhasinhas (sic) dengosas do meado do século XIX. No meio dos homens a dominarem sozinhos todas as atividades extra-domésticas (sic), as próprias baronesas e viscondessas mal sabendo escrever, as senhoras mais finas soletrando apenas livros devotos e novelas [...], causa pasmo ver uma figura de

^[3]
Nísia.

A comparação machista feita pelo sociólogo Gilberto Freyre nos leva a imaginar o grau de excepcionalidade dessa mulher naquela época e naquele cenário, praticando ações que, ao olhar de hoje, são consideradas comuns, dada a extensão das liberdades conquistadas pelas mulheres. Outra análise que podemos realizar dessa citação de Freyre é em relação ao contexto socioeconômico em que Nísia pôde estudar e ingressar na escola, tendo acesso ao conhecimento, em contraste com uma realidade na qual poucas mulheres podiam ter acesso à instrução. Essa se tornou a principal luta de Nísia Floresta: a defesa do direito intelectual das

mulheres. Ela enfrentou e desafiou todos que viam nela uma ameaça.

Pensamento pedagógico-filosófico e feminista

“A educação é o caminho para salvar vidas, construir paz e fortalecer os jovens.”

Ban Ki-moon

Essa foi a lição de Nísia Floresta, é a lição de Malala [4] e tem sido a tarefa histórica da Escola As Pensadoras ao tentar ensinar ao mundo que só por meio da educação de meninas e meninos é possível mudar o mundo.

O pensamento filosófico pedagógico de Nísia Floresta, ou a “pedagogia nisiana”, se caracteriza como conservador e progressista e, por isso, se revela paradoxal. Fundamenta-se na concepção de que a mulher, da mesma forma que os homens, tem o direito de acesso ao conhecimento mais profundo, não se limitando a disciplinas como música, desenho e costura, mas englobando outras, a exemplo do latim, do francês e da matemática.

As mulheres tinham um papel importante nos preceitos do positivismo, já que, dotadas de uma superioridade moral, seriam capazes de regenerar a sociedade em contraposição à rigidez e à racionalidade masculina. O princípio positivista não defendia a igualdade dos gêneros, pelo contrário, entendia as mulheres como figuras sociais importantes, dotadas de uma ‘identidade positiva’ fundamental na formação de uma nova sociedade. Seu lugar era atuando no âmbito privado. [5]

Nísia acreditava que ter as mesmas oportunidades de ocupar lugares públicos era o suficiente para a busca de igualdade das mulheres perante um sistema profundamente desigual, patriarcal e racista. A limitação de seu pensamento está exatamente na falta de uma análise que compreenda as relações de gênero como relações de poder e que reconheça que a igualdade de acesso aos espaços públicos é apenas um passo na conquista da libertação das meninas.

O livro *Opúsculo humanitário* (1853), de certa forma, reflete um atrito básico entre os fundamentos da filosofia positivista e da filosofia liberal. Ao analisarmos o texto, podemos observar que Nísia Floresta herdou de sua época os modos de pensar a respeito da mulher, em consonância com a corrente positivista, e, nesta obra, ela fundamenta seus pressupostos teóricos. Assim, Nísia enfrentou as consequências comuns a toda proposta de rompimento estrutural ao provocar a resistência de grupos e valores acomodados ao *status quo*.

Pressupostos teórico-metodológicos feministas da obra da autora

1º – As mulheres têm igual capacidade mental

Nísia Floresta iniciou seu caminho de luta pelo direito de acesso das mulheres à educação e pela paridade de gênero, escrevendo artigos para o jornal *Espelho das brasileiras*, em 1831. “Durante trinta edições (de fevereiro a abril), Nísia colabora com artigos que tratam da condição feminina em diversas culturas”. [6]

Além dos artigos para o jornal, ela escrevia crônicas, contos, poesias e ensaios. Sua obra mais conhecida em defesa dos direitos das mulheres foi a tradução livre de *Vindications of the*

rights of woman, de Mary Wollstonecraft. [7] Nesse livro, ela trata dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho, exigindo que sejam consideradas inteligentes e merecedoras de respeito pela sociedade. [8]

Não existe nenhuma conexão real entre as características biológicas femininas e sua capacidade de obter e produzir conhecimento. A desqualificação, feita há séculos pelos homens, de que as mulheres não teriam capacidade intelectual, faz parte de um pensamento misógino, equivocado e reproduzido por meio de um ensino que inferioriza as mulheres. Nísia enfatiza esse argumento em seus textos de forma prática, uma vez que a própria elaboração e publicação dos seus escritos é uma prova da capacidade intelectual feminina.

Nesse sentido, as mulheres e a ciência são associadas.

Por que [os homens] se interessam em nos separar das ciências a que temos tanto direito como eles, senão pelo temor de que partilhemos com eles, ou mesmo os excedamos na administração dos cargos públicos, que quase sempre tão vergonhosamente desempenham? [9]

Qual é o terror dos homens que mal se esconde por trás desse esforço contínuo de desassociar mulheres e intelecto? Essa pergunta está presente em toda a sua obra, na forma de um pensamento-ação. Nísia não só denuncia a misoginia dos homens, como também anuncia caminhos para a ação concreta, tendo em vista a superação da dicotomia mulher–intelecto.

2º – *A educação das mulheres é fundamental para uma sociedade moralmente qualificada*

“Educai, para isto, a mulher e com ela marchai avante, na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos à mais remota posteridade!” [10]

Os escritos transformadores de Nísia Floresta evidenciavam a sua preocupação com a condição de vida da mulher brasileira e a necessidade da sua atuação em postos de comando. No período em que viveu, a segregação social e escolar feminina era exorbitante, o que a levou a lutar pela educação das meninas e a refletir sobre o seu papel social, como podemos observar em *Opúsculo humanitário*, de 1853:

A ignorância de nossas mulheres poderá ser um dia substituída por conhecimentos que um dia as tornem dignas de renome. Mas o mesmo não acontecerá a respeito da viciada educação que, como incêndio, vai lavrando pelo centro das famílias e deixando-lhes consideráveis vestígios, que nenhuma instrução conseguirá apagar. [11]

É nessa obra que Nísia apresenta profundas reflexões sobre a necessidade de as mulheres terem acesso de forma igual aos homens à educação formal. Para a autora, as mulheres precisam ter acesso à instrução, com possibilidade de se formarem em universidades e conquistarem seus títulos, para que possam alcançar reconhecimento moral.

Na visão de Nísia:

Se se instituísse uma classe pública de operárias em toda a sorte de trabalhos, oferecer-se-ia a uma parte das famílias desvalidas do Brasil não somente um meio

seguro de livrá-las da miséria, mas ainda de habilitá-las para um futuro que não está [12] longe.

Percebemos que também há uma preocupação da pensadora de garantir acesso igual à educação a todas as mulheres: não só às senhoras da casa-grande, mas a todas, sem distinção. Logo, Nísia Floresta demonstra em seus escritos uma visão de educação das mulheres vinculada aos aspectos de classe social.

3º – *As mulheres não são inferiores aos homens*

Os “vestígios” consideráveis a que Nísia se refere são os resquícios da “inferioridade da capacidade cognitiva” da mulher que se fixou no imaginário social; a forma de olhar a mulher como um objeto de beleza que precisa exalar graciosidade; e o fanatismo em dotar as meninas de um corpo notável. Esses vestígios, ainda que as meninas tivessem o mesmo acesso à educação que os meninos, estariam presentes no comportamento e no imaginário sociais.

Nísia, atrevida e ousada, estabeleceu respeito e igualdade na educação das meninas. Criou duas escolas no Brasil: a primeira foi fundada em Porto Alegre, no período em que residia no Rio Grande do Sul (1833-1837), com programas de estudo para as mulheres que contavam com disciplinas como história, geografia, português, francês, latim, ou seja, diferentes áreas do conhecimento. Essa ação causou desconforto na sociedade e foi alvo de diversos ataques:

As opiniões sobre o ensino dedicado às alunas do Colégio Augusto, publicadas quase sempre anonimamente nos jornais cariocas, apesar de terem tonalidade negativa, na verdade demonstram os avanços das propostas educacionais que destoavam da pedagogia em voga na época no que tange ao ensino feminino. [13]

Por não serem inferiores, então, todas as mulheres estariam aptas a aprender as mais diversas disciplinas. Nísia não pensou na época sobre os desdobramentos do ensino das técnicas domésticas para a vida moral das mulheres nem mesmo fez um estudo sobre a questão do trabalho doméstico. Esse é um tema em aberto na sua obra e, justamente por isso, é passível de uma série de interpretações.

4º – *Ensino público, gratuito e laico para as mulheres*

Não foi Anísio Teixeira o “pai” da educação pública no Brasil. Na verdade, Nísia foi a pioneira no debate sobre a educação pública. Ela fazia forte oposição à comercialização do ensino, como escreveu em jornais da época, pois escolas eram frequentemente abertas sem consistência educacional e sem acesso estendido às mulheres. Além do ensino no âmbito escolar, Nísia também escrevia sobre a educação na família e dirigia ainda duras críticas à generalidade dos princípios e hábitos seguidos pela nação, que considerava “errôneos”. Vejamos um trecho do *Opúsculo humanitário*:

As lições e os esforços de uma ou outra pessoa, desta ou daquela família, nada podem contra a generalidade dos princípios e hábitos seguidos por uma nação inteira. Um ou outro pai conseguirá educar bem seus filhos, mas, não estando esta educação no espírito de seu país, eles permanecerão estrangeiros no meio de sua própria sociedade, e nada terá o país ganho com estas frações diminuídas da enorme soma dos prejuízos e erros que presidem à educação geral. Para cortar as cabeças sempre renascentes dessa hidra moral seriam precisos outros tantos Hércules quantas são as ideias e práticas errôneas do nosso povo. [14]

Que ideias e práticas errôneas seriam essas que a autora tanto repudiava? Espartilhos que prendiam a respiração, a vaidade e fanatismo que transformavam crianças em objeto de espetáculo, “as inatividades viciosas”, falsamente apelidadas de delicadeza. Esses eram alguns dos comportamentos destinados culturalmente à mulher, tanto à criança como à adulta, e que a limitavam a mero objeto de observação e entretenimento do patriarcado. Essas questões estavam sendo sempre problematizadas por Nísia. Afirmava a autora: “[...] estão tão acostumados a ver as coisas tais quais agora são, que não podem imaginá-las de outra maneira”.

[15]

5º – *A defesa de uma sociedade abolicionista: índios, negros e brancos*

Além de ser defensora do direito das mulheres à educação pública, Nísia Floresta manifestou-se também contra a escravatura e a favor dos indígenas. Escreveu, em 1849, um poema intitulado *A lágrima de um caeté*, em que retrata a beleza da natureza e um índio vencido e inconformado com a opressão do homem branco invasor. Ela escreve:

[...] era da natureza filho altivo,
 Tão simples como ela, nela achando
 Toda a sua riqueza, o seu bem todo...
 O bravo, o destemido, o grão selvagem,
 O brasileiro era... – era um Caeté!
 [...]
 Aqui, mais tarde trazendo
 Na alma triste, acerba dor,
 Vim chorar as praias minhas
 Na posse de usurpador!
 [...]
 Que de invadi-las
 Não satisfeito,
 Vinha nas matas
 Ferir-me o peito!
 [...]
 Por nossos costumes singelos e simples
 Em troco nos deram a fraude, a mentira.
 De bárbaros nos dando o nome, que deles
 Na antiga e moderna História se tira.
 [...]

Sobre os nossos opressores
 Mandê o seu raio ardente!
 E na Pátria dos Caetés
 Sofram eles dor pungente!
 Mas dor tão grande, que possa
 Fazê-los lembrar da nossa!...
 [...]
 Do Amazonas ao Prata
 O povo lhe está bradando:
 – Sacia-te monstro atroz,
 Teu império está finando!
 Mas tu meu pobre Caeté
 Escuta a Realidade;
 Busca as matas, lá somente
 Gozarás da Liberdade. [\[16\]](#)

Na obra *A mulher* (1857), a autora revela uma compreensão realista da visão da época sobre o problema social dos amamentados, o qual a afligia particularmente, além de denunciar a situação de exploração que as amas de leite sofriam, consideradas então como “mercenárias”. A culpa pela exploração dessas mulheres e pelas péssimas condições de vida das crianças (que muitas vezes morriam) era, na realidade, da mulher burguesa, que não queria criar seus próprios filhos. Nísia, nesse livro, denuncia e transforma em poema as dores das populações indígenas.

6º – A educação deveria ser anticapitalista e antiexploratória

No mesmo livro, *A mulher*, Nísia Floresta reflete sobre a necessidade de uma construção teórica realista acerca da exploração sofrida pelas amas de leite. Ela denuncia a situação daquelas mulheres, as quais ainda eram alvo de preconceito, sendo consideradas como “mercenárias”, e se posicionou avessa a esse tipo de exploração.

Ao avistá-lo perguntei àquela inocente que o tinha em custódia se era um seu irmãozinho. – “Não”, respondeu-me, “é um amamentado de Paris”. [...] Vindo ao meu encontro outra camponesa, mostrava-me uma carreira de seis ou sete meninos, todos vivazes e robustos, indicando-os pelo nome para satisfazer minha curiosidade. – “E aquela lá?” demandei-lhe, indicando uma menininha que ainda não se sustinha bem em pé. – “É um dos meus dois amamentados de Paris”. – “Como fazeis vós,” repliquei, “para amamentar três de uma vez?” – “Que hei de fazer?” – respondeu; [\[17\]](#)
 “aqui é tão duro tocar a vida! e é preciso arranjar-se de algum jeito”.

Nísia aponta a necessidade de superação desse tipo de exploração, típica da lógica capitalista, em que mulheres brancas se impõem sobre as mulheres negras e indígenas, e realiza uma crítica dura e profunda a respeito desse modelo injusto.

Para concluir

Segundo Leonam Cunha ^[18], Nísia também escreveu livros no formato da antiga tradição de prosa moralista ^[19]/^[20] e doutrinários como *Conselhos à minha filha*, *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta* e *Abismo sob as flores da civilização*. Em *Conselhos à minha filha*, promoveu o ideal de transformar a mulher indiferente em mãe amorosa e responsável:

O sentimento maternal está além de todas as paixões humanas. Só uma mãe é capaz dos maiores sacrifícios sem outras vistas, sem outra recompensa mais do que o seu próprio amor. [...] Só uma mãe ama a seus filhos com um inteiro e verdadeiro desinteresse. Ela o ama feliz, se ele é virtuoso, desgraçada se ele não o é; mas o ama sempre e o ama então com um sentimento mais poderoso, a compaixão! ^[21]

O pensamento paradoxal de Nísia Floresta provoca em nós o desejo de reinterpretar a sua obra com novas perspectivas e novos olhares. No meu caso, quis olhar para as obras estudadas em uma perspectiva feminista. As controvérsias, que nelas encontramos, permitem-nos afirmar que um pensamento nunca é totalmente pronto e acabado. Pelo contrário, ele sempre estará em movimento e cabe a nós, pesquisadoras do nosso tempo — e contradizendo a máxima “Nísia, para além do seu tempo” —, interpretá-la para a transformação que buscamos.

Palavras-chaves: Nísia Floresta. Pensamento Pedagógico. Filosófico. Feminista.

Referências

CAMPOI, Isabela Candeloro. O livro "Direitos das mulheres e injustiça dos homens" de Nísia Floresta: literatura, mulheres e o Brasil do século XIX. **História** (São Paulo), v. 30, p. 196-213, 2011.

CUNHA, Leonam Lucas Nogueira; LEITE, David de Medeiros. Nísia Floresta: feminista quando nem se falava sobre isso no Brasil. **Caderno Espaço Feminino** (Uberlândia/MG), v.31. n.º.1, p. 307-323, jan./jun. 2018.

DUARTE, Constância Lima. **Nísia Floresta**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. Estudo introdutório e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez; Brasília: Inep, 1989.

FLORESTA, Nísia Brasileira Augusta. A lágrima de um caeté. **Cronos – Revista do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN** (Natal), v.13, n.º. 1, p.137-140, jan./jun. 2012.

ITAQUY, Antônio Carlos de Oliveira. **Nísia Floresta: ousadia de uma feminista no Brasil do século XIX**. Orientador: Prof. Dr. Ivo dos Santos Canabarro. 2013. 65 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) – Departamento de Humanidades e Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SHARPE-VALADARES, Peggy. Estudo introdutório. In: FLORESTA, Nísia. **Opúsculo**

humanitário. São Paulo: Cortez; Brasília: Inep, 1989.

[1] Campoi, 2011.

[2] A economia do povoado de Papari, à época, era impulsionada de forma muito acanhada pela pesca e pela agricultura. A precariedade educacional evidenciava-se pelo fato de não haver escolas, de modo que as ordens religiosas da região ofereciam instrução a um exíguo número de crianças. Além de tudo, “a educação existente era segregadora: aos meninos ensinava-se a ler, a escrever e a realizar operações matemáticas básicas; e às meninas, ensinava-se como realizar trabalhos manuais”. Almeida; Dias, 2009, apud Cunha; Leite, 2018, p. 309; grifos no original.

[3] Freyre, 1996, p. 109 apud Campoi, 2011, p. 201

[4] Malala Yousafzai nasceu no Vale do Swat, Paquistão, é ativista de direitos de crianças e mulheres. Sofreu um atentado assumido pelo Talebã e foi a vencedora mais jovem do Prêmio Nobel da Paz, aos 17 anos, em 2014.

[5] Campoi, 2011, p. 206.

[6] Duarte, 2010, p. 153.

[7] Floresta, 1832. Tradução do original: Wollstonecraft, M. A. **Vindication of the rights of woman** Disponível em: <https://scholarsbank.uoregon.edu/xmlui/bitstream/handle/1794/785/vindication.pdf?sequence=1>>. Acesso em dez. 2021.

[8] Duarte, 2010.

[9] Floresta, 1832, p. 195 apud Campoi, 2011, p. 98.

[10] Floresta, 1989, p. 160.

[11] Ibid., p. 101-102.

[12] Ibid., p. 132.

[13] Campoi, 2011, p. 100.

[14] Floresta, 1989, p. 108.

[15] Ibid., p. 64; omissão nossa.

[16] Floresta, 1997, p. 83.

Fragmentos do poema *A lágrima de um Caeté*, de Nísia Floresta Brasileira Augusta. **Cronos – Revista do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN**. UFRN, Natal, v.13, nº. 1, p. 137-140, jan./jun. 2012.

[17] Floresta, 1997, p. 97, apud Duarte, 2010, p. 16.

[18] Cunha, 2018.

[19] Dionísia publicou um total de 15 livros no Brasil e em alguns países da Europa. Destes, restam algumas edições perdidas ou nunca localizadas: dois romances, um dos quais publicado na França, e uma novela. Outros volumes são também de difícil localização, não constando em nenhuma biblioteca ou arquivo do Brasil, mas em arquivos no exterior: Estados Unidos, França e Itália, por exemplo. Cunha; Leite, 2018.

[20] A prosa moralista era comum na literatura europeia de séculos anteriores.

[21] Floresta, 1845, p. 35 apud Duarte, 2010, p. 43.